



O Humano integral: do soberano excesso ao jogo em Bataille

Rita Paiva¹

Resumo: O propósito deste artigo consiste em discutir a clivagem fundamental que, de acordo com Georges Bataille, se inscreve na existência humana, cindindo-a em tendências díspares, – o excesso e a subjetividade organizada e limitada - cuja oposição e interação não devem ser negligenciadas quando está em questão a compreensão plena do humano. Trata-se de sublinhar, por um lado, que as forças excessivas que nos definem, se plenamente realizadas, culminariam na negação do indivíduo; por outro, a discussão procura apontar que uma cultura que atua em prol da contenção ou erradicação sistemática do que há de soberano em nós produz uma humanidade alijada de si mesma. Por fim, procura-se evidenciar que, para o autor, somente o jogo entre essas vertentes, ao estabelecer as frestas pelas quais as disposições excessivas logram persistir e coexistir no interior do mundo humanamente organizado, garante a possibilidade de uma existência não mutilada.

Palavras-chaves: existência, excesso, soberania, erotismo, jogo.

The Whole Human: From sovereign excess to play in Bataille

Abstract: The fundamental cleavage that, according to Georges Bataille, is inscribed in human existence, splitting it into disparate trends – excess and organized and limited subjectivity – is discussed throughout this paper. The opposition and interaction of such disparate trends should not be neglected when questioning the entire understanding of the Human. On the one hand, it is about underlining that the excessive forces that define us – if fully realized – would lead to the denial of the individual. On the other hand, the discussion seeks to point out that a culture that works towards the containment or systematic eradication of what is sovereign in us produces a type of humanity far removed from itself. Finally, this paper seeks to show that, for the author, only the interplay between these trends – by establishing the gaps through which excessive dispositions manage to persist and coexist within the humanly organized world – guarantees the possibility of an unmarred existence.

Keywords: existence, excess, sovereignty, eroticism, play.

¹ Professora Doutora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: rpaiva@unifesp.br.

1. Introdução

A visão tradicional do homem - que vislumbra na razão o elemento definidor de sua condição -, assim como ocorre na obra freudiana, dilacera-se nos textos de Georges Bataille. Sob a sua perspectiva, para além da condição racional, as forças excessivas que transbordam a consciência constituirão o elemento mais visceral, íntimo e essencial deste ser.

O excesso, decerto, não constitui exclusividade da espécie. Enquanto resultante de uma materialidade contínua e imanente, ela traz em si a mesma dinâmica que move a vida e a ordem natural nas quais se insere, a saber, o movimento de energias sobressalentes que, ao ultrapassarem sua capacidade de crescimento e expansão, convergem para o dispêndio gratuito, para o derrame, para a explosão violenta. Sob esse prisma, a existência humana, e em particular certas experiências que nela se desenrolam, são impulsionadas pelo movimento vital em seu sentido mais amplo, o qual configura “uma luxuosa dilapidação de energia.”². Com efeito, o gasto descompensado de energia que assume a conotação da consumação gratuita na natureza em geral alcançará na condição humana intensidades impensáveis.

A discussão subsequente pretende, num primeiro momento, compreender o modo pelo qual as forças soberanas representativas desse excesso, tal como concebido por Bataille, não podem ser negligenciadas quando se trata de compreender integralmente a nossa condição. Em seguida procura problematizar a estratégia fundamental inventada pela cultura para viabilizar a constituição de uma realidade objetiva e organizada, apta para conter a incomensurável potência a um só tempo criadora e ruína dessas forças. Por fim, objetiva demonstrar que, no âmbito do mundo humanamente organizado, perseveram as disposições excessivas, bem como a memória de um heterogêneo primordial; reflexão que nos conduzirá ao tema da tensão – ou ao jogo - entre a necessária renúncia a essa violência que perpassa todo indivíduo humano e o desejo avassalador de nela se perder. Tensão sem a qual o humano integral não pode ser vislumbrado.

² BATAILLE, G. *Noção de Despesa*. Lisboa: Fim de século Ed., 2005, p. 74.

2. A soberania do excesso ante a consciência sensata

No decorrer de sua obra, Bataille refere-se aos aspectos extremos ou aos princípios antinômicos e inconciliáveis que dão ao rosto humano o seu caráter duplo: aquele que nos insere na condição normal da existência, no qual transcorrem tanto a história quanto a sociabilidade, e aquele que revela a presença de uma força que nada produz nos moldes de uma organização duradoura, em virtude mesmo de sua natureza violenta e soberana. Termo este que, sob a letra do autor, se divorcia das significações tradicionais e politicamente cristalizadas³ e nos conduz a regiões inteiramente outras. Aqui, soberania é perda sem propósito de excedentes, dispêndio que desafia a sensatez, *quantum* excessivo de energia insubordinável à lógica compensatória que rege as ações previdentes e os fins produtivos. A dimensão soberana do humano contradiz e desconfigura as demandas do ajuste, da conformidade, da preservação.

Nessa direção, em *Sade e homem normal*, ao problematizar a ideia de um comportamento humano fixado sob a égide da “normalidade”, o autor enuncia: “Se nos conduzimos de acordo com a razão, tentamos adquirir bens de toda espécie, trabalhamos em vista de aumentar os nossos recursos – ou nossos conhecimentos –, esforçamo-nos por todos os meios para nos enriquecer cada vez mais. É, em princípio, sobre tais condutas que se funda nossa posição no plano social.”⁴ A consciência, decerto, orchestra essas atividades e persegue tais horizontes a partir do que Bataille designa a sua parte clara; é ela que a razão emblema. Dito de outro modo, é com a consciência clara – cuja instituição, obviamente, deve-se também à inserção social dos indivíduos – que se fundamentam os princípios estruturadores da ordem na qual o homem encontra seu conforto identitário. O *ethos* aqui predominante é aquele regido por hábitos regulares, por relações sociais pautadas pela civilidade, benevolência e lealdade; subordinado à lei, pois. Fosse essa faceta do humano

³ Em *La souveraineté*, Bataille pontua claramente a distância entre a apropriação que faz do conceito de soberania, que, para ele é destituído de eficiência e distinto da significação política: “O soberano contradita e vai além da lógica utilitária e liga-se aos acontecimentos ou experiências miraculosas, as quais se perdem para a conotação política do conceito: “A preocupação com o poder influiu a soberania real (histórica). A soberania real não é o que pretende ser: nunca é mais do que um esforço tendo por fim liberar a existência humana de sua subordinação à necessidade.” BATAILLE, G. *O erotismo*, G. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 201.

⁴ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 197.

hegemônica ou unívoca, a propensão que logra o destinar à infelicidade, sustenta Bataille, não seria mais do que uma excrescência, um “mau hábito” a ser extirpado pela rigorosa atuação dos princípios racionais e socialmente instituídos. Ocorre, entretanto, que também nos é intrínseca uma tendência outra, a qual nos impulsiona para as experiências extraordinárias implicadas em movimentos de violência e dor. Sem essa disposição, prevaleceria decerto a vida organizada, normalizada, mas também a vida mutilada em sua dimensão mais pungente, cuja supressão “tocaria a existência do homem em seu ponto vital”.⁵

Ora, se Bataille assim se expressa, referindo-se ao que seria eliminado como ponto vital, é porque o que há de mais intenso em nós não pulsa na parte clara da consciência e não se coaduna com o que nos habituamos a designar de homem normal. Com efeito, todo ser de razão, quando concebido em sua integralidade, revela ao lado dos princípios que estruturam sua existência regular, um outro aspecto do seu ser que, sob a letra do autor, não apenas concerne igualmente ao humano, mas constitui o seu mais íntimo fundamento. Trata-se de um princípio interior, frisa Bataille, que se manifesta como uma animação ou um frenesi cujo norte não aponta para a edificação do perene ou de ordens estáveis, mas, antes, para o desejo de violentar e de devastar. Esse pendor, precisa ele “supõe em primeiro lugar na humanidade um excesso irresistível que a arrasta a destruir e a coloca de acordo com a ruína incessante e inevitável de tudo o que nasce, cresce e se esforça por durar”.⁶ Esse outro extremo da consciência revela a dimensão soberana do homem. A improdutividade, o derrame inútil, um consumo desmesurado e inconsequente dos excedentes constituem o seu norte. Bataille o enuncia: “é soberano o gozo das possibilidades que a utilidade não justifica. O além da utilidade é o domínio da soberania”.⁷ A vivência desse estado desmedido, ou desse excesso, pelo qual clama o que há em nós de mais intrínseco exige um ultrapassamento das estabilidades nas quais transcorre a nossa existência. É a possibilidade do desordenamento da vida claramente instituída que ela revela ao atestar a presença irredutível, no âmago da existência humana, de um ímpeto que recusa e nega os princípios que fundam a humanidade socialmente organizada, cujo propósito maior é perseverar.

⁵ Ibidem, p. 211.

⁶ Ibidem, p. 221.

⁷ BATAILLE, G. *La souveraineté*. Paris: Ed. Gallimard, 1976, p. 14.

Em *La souveraineté*, texto publicado em 1976 e que reúne escritos póstumos, Bataille problematiza o modo pelo qual a parte soberana da consciência lança-nos para além das concessões, das verdades consensuais, das docilidades e sujeições imprescindíveis às exigências da vida humana. As atitudes resultantes desse ímpeto delineiam-se como um irreduzível anseio de entrega e de abandono a um processo que se esgota em si mesmo, sem que se revele subserviente a causas ou a projetos futuros. Nesse sentido, soberania se traduz na experiência interior de sentir o excesso, e assim coincidir com o estado em que a vida transborda e parece alcançar o ápice de sua pulsação. Se a vida produtiva e organizada condena o prazer que advém desses processos, como nota Bataille em *A noção de despesa*, sob a perspectiva da consciência soberana, só ele conduz a uma efetiva experiência de felicidade, ainda que essa não se dissocie, como veremos, de um processo de devastação e dor. Sob esse prisma, em simultaneidade com nosso engajamento no mundo da ordem e da produção, portamos um pendor obscuro para ultrapassar o estado de espera nutrido por expectativas futuras, no qual proliferam tanto os adiamentos quanto as contenções que asseguram e legitimam a conformação de nossa razoabilidade. Um mundo invertido é, assim, secretamente almejado por todo ser humano, um mundo do avesso, porquanto nada visa edificar ou durar, apenas dilapidar. O autor outra vez: “Nossa única felicidade verdadeira é gastar em vão, como se uma chaga se abrisse em nós; queremos sempre estar seguros da inutilidade, por vezes do caráter ruinoso de nossa despesa”.⁸

Em geral, a autocompreensão operada pela consciência harmoniza-se com o modo pelo qual apreendemos o mundo organizado com suas regularidades, seus desenhos distintos e ordenados, os quais por sua vez contribuem para a constituição de um pensamento claro que não apenas encadeia os elementos que os circundam, mas viabiliza que nossa realidade interior se apresente também constituída por um conjunto de distinções inteligíveis. Essa cristalização ordenada da realidade interna desconfigura-se quando a violência que nos é constitutiva irrompe e desvela tanto o ser soberano em nós quanto o êxtase pelo qual anelamos profundamente. Êxtase que soa infernal e inaceitável à consciência distinta, a qual almeja sempre coincidir consigo mesma e mantém-se arredia ao que seria um conhecimento efetivamente pleno de si, o qual exige a visão direta seja das potências, seja das

⁸ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 197.

fragilidades que nos constituem. E é sob esse prisma que Bataille enfatizará a dificuldade que se estabelece quando se trata de conciliar a vida sensata e a vida soberana. A primeira, compatível com a consciência distinta, norteadas pela lógica compensatória e pelas práticas cumulativas; a segunda, norteadas pelo excesso direcionado ao dispêndio e à perda. Duas vertentes antinômicas, mas intrínsecas a uma mesma existência. O autor é didático: “Uma sensata, cujo sentido é dado pelos fins úteis, consequentemente subordinados: essa é a parte que aparece à consciência. A outra é soberana: quando a ocasião se apresenta, ela se forma graças a um desregramento da primeira, é obscura”.⁹ Decerto, a consciência clara, circunscrita aos seus parâmetros lógicos, pouco logra compreender dos momentos em que o excesso vem à tona, mas o fato é que eles atestam uma tendência para existir que, a despeito do seu caráter marginal e não dominante, é tão constitutiva do humano quanto a existência mergulhada no cinza das regularidades. Essa vida secreta das forças soberanas em nós revela as dimensões irredutíveis do humano, bem como as possibilidades da existência impulsionada pelo desejo de dispêndio gratuito, ou seja, pelos excessos que vicejam nessa mesma consciência que os desconhece. Em suma, a manifestação do excesso em nós, compreendido como ímpeto de devastação e destruição de formas estabilizadas, transborda as configurações temporais, racionais e simbólicas que estruturam o mundo prático e, sob certas perspectivas, definem a condição humana. É para este horizonte que parece nos ultrapassar que os movimentos soberanos nos lançam, e sem os quais não seríamos mais que autômatos inteligentes. Bataille, novamente: “Algo existe em nós de apaixonado, de generoso e de sagrado que excede as representações da inteligência: é por esse excesso que somos humanos”.¹⁰

Quando em nome de algum tipo de moralidade, de princípios ou crenças, adverte o autor, recusamo-nos a admitir essa animação violenta e interior que nos é intrínseca, empobrecemos nossa concepção do humano, rebaixamos o grau de existência, ignoramos os fundamentos de nossa condição. Afinal, “aquilo que, mais violentamente, nos revolta, está em nós”.¹¹ Eis o que Bataille designa a parte maldita. Negligenciá-la ou não admitir os momentos em que ela não pode ser contida, para além de um auto estranhamento, conduz a um esmaecimento da vida que nos constitui. Escreve o filósofo em *O Erotismo*:

⁹ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 220.

¹⁰ BATAILLE, G. *Oeuvres Complètes*, v. XII. Paris: Gallimard, 1988, p. 127.

¹¹ Op. cit., p. 223.

“Podemos viver como se apenas a dimensão iluminada de nosso ser nos constituísse, ajustados a uma ordem organizada e socialmente estruturada. [Mas] Há em nós momentos de excesso que colocam em jogo o fundamento sobre o qual a nossa vida repousa; é inevitável para nós chegar ao excesso em que temos a força de colocar em jogo o que nos funda.” E adiante: “É negando tais momentos que desconheceríamos o que somos”.¹² O alcance de uma plena consciência de si, que nada despreze do humano, um bem saber daquilo que somos - ao qual se recusa o chamado homem normal, sustenta Bataille, porque supõe domável ou passível de extinção a violência que o constitui - fortalece-nos para que possamos resistir aos apelos dessa soberania nos momentos em que a adesão a ela nos lança em horizontes humanamente intoleráveis.

Numa palavra, um indivíduo humano porta algo de virulento e poderoso, o excesso, cuja dinâmica acena para uma espécie de felicidade máxima, na qual coincidimos com a plenitude de nossa condição. Bataille assim se manifesta: “Desse ápice, não podemos nos desviar sem nos desviarmos de nós mesmos. Se não nos aproximamos desse cume, se não nos esforçamos ao menos para escalar suas encostas, vivemos como sombras amedrontadas – e é diante de nós mesmos que trememos”.¹³ No entanto, essa potência que aponta para a plenitude é também ruínosa; ela ameaça destruir a consciência que o porta. Acompanhemos, num primeiro momento, a reflexão do filósofo acerca dos processos que permitiram instaurar os diques necessários para conter essas energias excessivas - a parte maldita - e constituir a realidade homogênea no âmbito da qual os homens logram conviver e fundar a civilização, a qual por mais perversa e mutiladora que se revele, logra preservar a existência e a forma do humano. Essa problemática foi objeto de reflexão intensa nos textos de Bataille, que, paralelamente, sublinhou a persistência das experiências soberanas, a despeito dos intentos civilizacionais em contê-las ou mesmo suprimi-las. Tema que abordaremos adiante.

¹² BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 195.

¹³ *Ibidem*, p. 219.

3. Os interditos e a fundação do mundo homogêneo

O excesso, uma vez manifesto, desvela-nos a existência soberana; mas não fosse ele aplacado por recursos contundentes, a construção de uma consciência clara e de uma vida humana inserida numa ordem social, cultural, civilizacional estaria vedada. Destarte, sem instauração de diques sólidos, jamais se efetivaria a passagem do animal ao homem, uma vez que a possibilidade da linguagem e o horizonte do pensar claro e distinto, digamos assim, não se configurariam. Historicamente, pois, processou-se na humanidade, em virtude dos imperativos da sobrevivência, um difícil e exigente movimento. Um necessário afastamento de sua virulência interna, refletora aliás da desmedida vital, permitiu a ela, considera Bataille, o investimento em atividades voltadas para outras veredas que não as vias fascinantes do dispêndio imediato, vertiginoso e descompensado de suas energias. Os acontecimentos decisivos para consumir esse processo instauraram os elementos que abrem as portas do mundo organizado simbolicamente e o estruturam. É no âmbito desse movimento que nos deparamos com o interdito, conceito que tem, na obra do filósofo, um papel fundador e que, associado àquele de transgressão, remete de pronto às tensões constitutivas da interioridade e da condição humana, quando integralmente compreendida.

Ao refletir sobre tais acontecimentos fundadores, Bataille destaca a invenção do trabalho; feito que operará a separação radical entre o humano e a animalidade e que descortina os horizontes da capacidade de raciocínio e da possibilidade de conhecimento. Com efeito, a atividade de fabricação, ou a produção de objetos, à medida que subordina o homem às exigências do sobreviver, instaura a cisão definitiva entre “a vida indistinta e a consciência”¹⁴, vinculando-a à esfera utilitária do existir, à lógica dos cálculos e da produção. Esse corte deve-se ao fato de que ocupações que exigem sistematicidade e estratégias de aplicação condicionam a atividade do pensar, de sorte que é o surgimento mesmo da consciência clara que a tudo distingue e separa que resulta da instituição do trabalho. Lemos em um de seus textos mais tardios: “O fabrico dos utensílios ou das armas foi o ponto de partida destes primeiros raciocínios humanizadores do animal que éramos. Moldando a matéria, o homem soube adaptá-la ao fim que lhe destinava. Foi o trabalho, que fez do ser

¹⁴ BATAILLE, G. *O nascimento da arte*. Lisboa: Ed. Sistema Solar, 2015, p. 42.

humano, o animal de raciocínio que somos.”¹⁵ Nesse sentido, a ação instrumental que caracteriza a espécie suscita a emergência de uma representação temporal, sem a qual a consciência não se configura. Dito de outro modo, as atividades metódicas e a fabricação dos utensílios – ou das ferramentas –, norteadas sempre por uma finalidade precisa, exigem um desvio do presente imediato. É o hiato entre presente e futuro que a fabricação instaura ao separar os objetos que existem e aqueles que se materializarão por intermédio da ação processual e do empenho prático dos homens; a invenção das ferramentas estabelece, destarte, um elo inequívoco com a transcendência da vivência imediata. O autor o frisa: “Por antecipação, o trabalho situa no futuro este objeto que ainda não existe, que é fabricado e só por ele existir o trabalho se faz”.¹⁶ Anexo à capacidade de distinção temporal irrompe o sentido mesmo da utilidade já que todo processo de fabricação implica o tempo de elaboração e o tempo posterior da utilização. A necessidade de orientar e calcular as atividades com vistas a um fim útil, bem como a urgência em responder às demandas do mundo prático, as quais vêm sempre associadas a expectativas futuras, estão, pois, na base da construção do mundo homogêneo e objetivo. M. Feher assim o observa: “A noção econômica do valor de uso reflete esta dupla ancoragem do instrumento no tempo, visto que ela depende da quantidade de tempo necessário à constituição do objeto. Ora, o conceito de utilidade exprime precisamente a possibilidade e subordinação do presente ao futuro.”¹⁷ Sob esse prisma, o trabalho vai na direção inversa da parte maldita que viceja em nós, para qual não conta o durar em direção ao futuro, mas o êxtase da experiência em ato coincidente com a virulência das forças vitais.

Com efeito, o empenho em desenvolver um pensamento claro, apto a coordenar as ações a ele ligadas – como o trabalho –, exige o esforço de represar e de domar a violência excessiva e impulsiva que nos perpassa em prol de fins sucessivamente perseguidos e postergados. A ruptura com a continuidade imanente e imediata em que a espécie humana se encontra insere-se delineia, por conseguinte, como um quesito imprescindível para a configuração de uma consciência propriamente dita. A invenção dos instrumentos e das ferramentas, bem como o lidar com objetos em geral, subtraem-nos da inserção no todo e atuam de modo precípua para a instituição

¹⁵ Idem. *As lágrimas de Eros*. Lisboa: Ed. Sistema solar, 2015b, p. 36.

¹⁶ BATAILLE, G. *As lágrimas de Eros*. Lisboa: Ed. Sistema solar, 2015b, p. 41.

¹⁷ FEHER, M. *Conjurations de la violence*. Paris: PUF, 1981, p. 20.

do princípio de realidade, porquanto requer a fixação do olhar, a concentração, o exercício da atenção. Mas o real aqui é aquele que se institui no plano simbólico e representativo, não do da experiência vibrante do excesso. Como nota ainda o comentador: “O universo humano só pode nascer a partir de uma transcendência da imediatividade, de uma abstração do dado sensível”.¹⁸ Essa atitude negativa em relação à continuidade circundante, ou a contenção das forças soberanas em nós, seria pois crucial para que a atividade reflexiva se desenvolvesse, uma vez que, graças a ela, a humanidade desvia seu olhar do todo indistinto e volta-se para esferas da realidade passíveis de identificação, visto que limitadas e fixadas por contornos definidos. Um ser descontínuo assim se delineia. Essa ruptura será também responsável pela constituição de um exterior e de um interior, ou seja, de uma consciência atenta ao mundo que a circunda e às possibilidades de experiências internas, claramente representadas, o que liberta o ser pertinente à espécie da continuidade pulsional em que não se distinguem o mundo e o indivíduo. Logo, à constituição de uma realidade externa, na qual fixam-se imagens claras de objetos e figuras sem fim, é concomitante a paulatina configuração de uma consciência e de uma interioridade, as quais, mesmo em estágios primitivos e primordiais, ensejam já o nascimento da subjetividade. Ademais, a sistematização de um fazer instrumental que inaugura uma nova forma de existência, forçando a organização de um pensamento distinto que conduz as ações, impulsiona ao mesmo tempo o desenvolvimento de uma linguagem que, instalada na passagem temporal, intensifica a superação de um estado restrito à pura manifestação de sensações e de desejos imediatos. A linguagem discursiva opera, deste modo, uma inteligibilidade que, parafraseando o autor, supera o puro *ladrar do desejo*. Daí decorre que as atividades ligadas ao trabalho se coadunem tanto com a instituição da consciência humana quanto com sua forma de expressão; com elas abre-se de fato a via do mundo humano com a estabilidade, distinção e a organização que o peculiariza, e também com a experiência de uma subjetividade internamente organizada.

Não obstante, a despeito da constituição dessa consciência articulada e apta a interagir com o real circundante, o excesso destinado ao derrame gratuito, a uma violência que no limite fusionaria consciência e mundo, persiste na interioridade mais intimamente humana. O movimento dessa energia aponta

¹⁸ Ibidem, p. 15.

para uma experiência de desconfiguração dos limites e formas que definem esse ser, de sua consciência, pois, o que equivale, no limite, ao vislumbre de sua supressão, ou de sua morte. Tal possibilidade, ademais, não deixa de exercer um certo fascínio para esse ser guiado por uma consciência clara, porquanto acena para o amálgama com a vida indistinta, para o qual clama o excesso que o perpassa. Ante o apelo arrebatador das experiências que acenam com essa volta à continuidade, mesmo se delas não se dissocia a ciência do morrer, emerge o imperativo de contenção para que os seres humanos preservem a forma descontínua à qual se apegam. Assim, além da constituição da consciência racional, algo mais advém com a instituição do trabalho, possibilitando que a humanidade não apenas afirme sua singularidade, mas persevere. O trabalho impõe a necessidade de frear os excessos e instaura um interregno entre o apelo sedutor dos movimentos excessivos que nos perpassam e o ímpeto de adesão a eles: “[os homens] distinguiram-se dos animais pelos trabalho. Paralelamente, impuseram-se restrições conhecidas pelo nome de interditos”.¹⁹ E o campo primordial a que esses interditos se aplicam é aquele em que impera a violência ligada à morte. A regulação da conduta humana em relação aos mortos, como o hábito da sepultura, por exemplo, desde os tempos primordiais da humanidade, como nota o autor, impõe-se como forma de afastar os indivíduos desse clamor excessivo que atordoa e seduz. É assim expulso, para fora da vida organizada, tudo o que, reativo à morte, pudesse desarranjar o desenho de um mundo organizado, homogêneo e utilitário; o fascínio que emana da experiência do morrer foi assim contido. Mas, postula Bataille, as interdições, interiorizadas no processo de socialização e de produção de nossa humanidade não se ligam apenas à experiência da morte e à relação com os mortos; concomitantemente, elas também afastam o irresistível apelo da violência imanente ao sexo. A ação das interdições sobre a natureza pulsional do homem é crucial à consciência clara, porque essa natureza abrange o descomedido que nos é intrínseco. Como a morte, o investimento num objeto sexual remete a uma experiência de perda e de fusão, ao rompimento dos limites, à entrega da consciência num movimento que a ultrapassa. A contenção dos apelos sexuais viabiliza que o objeto perturbador se mantenha esmaecido, contribuindo para a canalização das energias em prol da instauração de um

¹⁹ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2014, p. 54.

mundo de linguagem e de conhecimento – do trabalho, enfim - , sem os quais a humanidade não se configura, nem persevera.

Esses dois domínios em princípios opostos, morte e sexualidade, foram aqueles sobre os quais agiram os interditos com mais veemência e rapidez, porquanto são essas as duas portas privilegiadas para a violência que operam o esfacelamento dos contornos que instauram a consciência singularizada. A organização das atividades ligadas ao trabalho fomentam o advento de uma realidade que tomamos por sólida e que julgamos capaz de nos manter incólumes ante os perigos do excesso. Bataille o enuncia : “O trabalho exige uma conduta em que o cálculo do esforço é constante. Exige uma conduta razoável, em que os movimentos tumultuosos não são admitidos”.²⁰ O trabalho teria, pois, preparado a atitude humana tanto em face do sexo - “passando da sexualidade sem vergonha para a envergonhada”.²¹ - quanto da morte. Com sua exigência de foco para as energias e para os fins coletivos, as atividades ligadas ao labor condicionaram o comportamento humano diante das experiências ligadas a essas esferas da existência. Se essas experiências fascinam é porque atualizam as tendências violentas que clamam em nós pela inserção no todo contínuo. Com a instauração dos diques estabelecidos pelos interditos, delineia-se o que o autor designará mundo profano, no qual a humanidade debruça-se sobre os assuntos concernentes à sobrevivência, à conservação, à sua duração temporal; aspectos esses que repousam sobre a constituição de um pensamento claro e de uma materialidade dotada de contornos fixos, sobre os quais se desenrola a ação transformadora e tecnicizada do homem: “O profano recobre com efeito o domínio dos objetos, o mundo da claridade e dos seres distintos”.²²

Notadamente, a consecução das barreiras que viabilizam a construção desta realidade homogênea deriva de um imenso esforço despendido pela humanidade para conter a ferocidade do excesso que emana dela mesma e que a ultrapassa. As duras penas impostas sob a forma de leis e valores na história humana e na vida subjetiva de cada indivíduo - as interdições - logram, à medida que são inconscientemente internalizadas, distanciar a consciência dela mesma. Em outros termos, a constituição da vida moral emerge como um forte anteparo para o soberano em nós, afastando o homem do que há nele de mais

²⁰ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2014 , p. 64

²¹ Ibidem p. 55.

²² FEHER, M. *Conjurations de la violence*. Paris: PUF, 1981, p. 35.

essencial e profundo, contendo, assim como observa F. Altberg, o curso livre de suas pulsões; estabelece-se assim a condição *sine qua non* para que a vida organizada em sociedade possa se erigir, uma vez que, nesta espécie, os instintos não logram a configuração de uma vida social e ordenada. Bataille o afirma: “O interdito elimina a violência e nossos movimentos de violência que destroem em nós a calma ordenação sem a qual a consciência humana é inconcebível.”²³ Como nos lembra Freud, o corpo humano em sua natureza primordial apresenta-se como um caos pulsional, destituído de organização e de instância psíquica capaz de instaurar as formas de relação com o mundo que o circunda. Formas cujo advento implica a inserção no domínio da cultura, os quais são também responsáveis pelos processos que culminam na estruturação psíquica. Poderíamos considerar que Bataille, na mesma vertente, entrelaça a correlação trabalho - interdito com o percurso que faz o homem saltar da pertinência natural à espécie à condição humana propriamente dita. Nesse sentido, podemos dizer que paralelamente à instituição das atividades ligadas ao trabalho, a fixação dos interditos em relação à morte e ao sexo institui o abismo entre a humanidade e os outros seres vivos. Bataille em *O nascimento da arte*: “Se os animais se distinguem claramente do homem, talvez o façam com maior clareza nisto, nunca haver nada, para um animal, que seja interdito; só a circunstância natural o limita, em nenhum caso se limita por si próprio”.²⁴ Ao consumir o recalque do excesso violento e perturbador que viceja na intimidade de todo indivíduo humano, ameaçando toda ordem constituída, o triunfo dos interditos favorece o processo desencadeado pelo trabalho; cabe a eles nos manter afastados da violência que assombra o mundo erigido pela disciplina do labor e escandaliza o espírito, ou seja, da “lama de onde saímos”.²⁵

Os interditos, Bataille não deixa de pontuar, efetivam-se universalmente, qualquer que seja a cultura: “A verdade dos interditos é a chave de nossa atitude humana”.²⁶ O domínio por eles instaurados sobre a parte maldita do homem – ou do que há de obscuro em sua consciência - é, condição *sine qua non*, para subsistir e viver; tal controle resguarda a obra humana e a constituição de um mundo homogêneo, pautado pela produção de coisas úteis que garantem a preservação da existência e a sua continuidade temporal. O

²³ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 61.

²⁴ Idem. *O nascimento da arte*. Lisboa: Sistema Solar Ed, 2015, p. 44.

²⁵ Ibidem, p. 54.

²⁶ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2014, p. 61.

autor o enfatiza: “Não penso que o homem tenha alguma chance de emitir alguma luz antes de dominar o que o apavora”.²⁷ Isso não significa que leis e proibições tenham força para erradicar o movimento fascinante e indefectível que persevera no fundo da psique humana; elas possibilitam, contudo, que a violência e o impulso de desconfiguração que nos habitam - a parte maldita - sejam postulados como manifestações perturbadoras e adversas, mantidas à margem da vida. Bataille, em *La souveraineté*: “Nós tentamos escapar a este horror elementar, mas ele mantém na sombra e no silêncio de morte o movimento imprevisível e insaciável de tudo o que não pudemos reduzir à ordem tranquilizadora e ante o qual sucumbiremos”.²⁸ A atuação e a formalização dos interditos não implicam, pois, a supressão ou a amenização da violência que subjaz a nossa condição; não é pleno o conforto por eles estabelecido. O mal-estar que persiste subliminarmente ao humano organizado deixa entrever que contenção da violência e do excesso, tal como efetuada pela instauração desses diques, pode eclipsar esse fundo da existência e do ser que se prolonga na interioridade humana, mas não o logra suprimir. Na verdade, mais do que erradicar, o interdito firma um acordo profundo com a violência que pretende conter. Acordo que nos leva à outra noção fundamental em Bataille.

4. Abertura para o heterogêneo e transgressão

É importante pontuar que mais do que fundamentar uma ontologia, Bataille empenhou-se em erigir o que chamou sua heterologia, sob a égide da qual o ser não se define por formas imutáveis, mas por uma materialidade contínua e múltipla, cuja mobilidade advém de um impulso violento e excessivo para instaurar formas cuja destinação é sempre negativa. Sob essa perspectiva, há na natureza uma pressão para o esbanjamento descompensado e para a dilapidação inútil das energias sobressalentes que se vincula à lógica inscrita na matéria constitutiva do universo imanente, o qual antinomiza com toda estabilidade e no qual nada se pereniza. Em sua origem ou em sua constituição fundamental a totalidade cósmica, assim concebida, se traduz numa realidade amorfa e irracional, que anela pela corrupção permanente das formas

²⁷ Ibidem, p. 29.

²⁸ BATAILLE, G. *La souveraineté*. Paris. Ed. Gallimard, 1976, p. 37.

que dele dimanam; daí a negatividade que perpassa suas criações.²⁹ Sua dinâmica perpetua um princípio originário, a saber, um impulso excessivo e contraditório de criação e destruição, que anima todas as formas que engendra, condenando-as a retornar a um estado primordial inorgânico, de fusão e continuidade. Nesse registro, o próprio ser equivale a um conjunto de forças excessivas e negativas; sua seara é a da tragicidade. Seu movimento incessante consiste em “engendrar e aniquilar o que engendra”.³⁰ A vida aflora nessa continuidade; todas as suas criaturas portam a chancela fundamental do dinamismo que as engendrou. Dito de outro modo, não há outro destino para as existências dos seres dotados de contornos fixos e descontínuos que a reinserção no todo heterogêneo, informe e indistinto do ser, do qual emergiram. Entre elas, o homem, no qual a nostalgia de retorno a essa unidade originária e negativa pulsa indelével. Com efeito, insistirá o filósofo no decorrer de toda a sua obra, o anelo mais íntimo que desponta na consciência de todo indivíduo humano é o de transcender a condição de ser limitado a uma consciência individualizada: “Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecível, temos a obsessão de uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser”.³¹ Nessa senda, a disposição primitiva à violência que nos perpassa se torna sintomática dessa pertença originária ao heterogêneo, que desestabiliza as ordens estagnadas e fadadas à repetição.

Dessa contradição substancial que nos define resulta, por um lado, que todo indivíduo se constitua enquanto tal graças aos interditos que o coagem, como dizíamos, e aos quais, devido às estratégias de socialização, adere de bom grado; por outro, que toda consciência seja igualmente perpassada por um pendor, a saber, a tendência à transgredir as interdições; com ela a parte maldita se levanta e grita a sua inexaurível potência. A rigor, as condutas transgressoras atualizam a predisposição para romper os marcos socialmente fixados; elas ultrapassam e põem em suspenso os elementos que nos organizam humanamente. Não obstante, a entrega ao deleite fatídico com o

²⁹ Com essas teses Bataille contradita a perspectiva dominante na história da filosofia, segundo a qual a matéria constitutiva do universo vincula-se a uma essência permanente, a formas ideais que teriam como referência o dever ser. Emblemáticos dessa visão do autor são os textos presentes em *Documents*, particularmente *Informe* e *O baixo materialismo*, nos quais defende uma concepção informe do universo. Enuncia ele: “(...) afirmar que o universo não se assemelha a nada e que é informe significa dizer que o universo é algo como um aranha ou um escarro (crachat).” BATAILLE, G. *Documents*. Florianópolis: Cultura e Barbárie Ed, 2018, p. 147.

³⁰ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2014, p. 109.

³¹ *Ibidem*, p. 39.

qual acenam esses atos profanadores da ordem estável e homogênea, o ato transgressor, tal como problematizado por Bataille, não chegará ao seu termo mais extremo, visto que a sua consumação não implica a supressão definitiva do interdito. Sem dúvida, o recuo das proibições é condição *sine qua non* para que o ato de as macular se concretize, mas trata-se de uma suspensão temporária, uma espécie de licença relativa, para ficarmos nos termos do autor, uma vez que a anulação plena do interdito impediria também a configuração de tal ato. Interditos e transgressões, junção de termos antitéticos que Bataille colhe na obra de Marcel Mauss, enlaçam-se, pois, como o direito e o avesso.

É importante observar que Bataille, em vários de seus textos, mas em particular em *O Erotismo*, manifesta-se claramente sobre a influência que o pensamento de Marcel Mauss exerceu sobre a fundamentação que ele próprio tece sobre o par conceitual interdito-transgressão. Nessa direção, destaca particularmente a sua leitura de *Essai sur le sacrifice*: “Sem dúvida, o aspecto fundamental da teoria da transgressão aparece em sua [de Mauss] obra escrita, mas sob a forma de breve indicação sem insistência.”³² A seguir Bataille explicita o modo pelo qual colhe, em R. Callois, as reflexões de Mauss acerca do tempo humano repartido em sagrado e o profano: “A sociedade humana não é apenas o mundo do trabalho. Simultaneamente – ou sucessivamente – o mundo profano o mundo sagrado a compõem, sendo suas duas formas complementares.”³³ É sob essa oposição, aliás, que a noção de religião se alarga no pensamento de Bataille e tece laços bastante ambíguos com a moralidade. Decerto, há, sob a perspectiva do autor, uma correlação entre religião e moral, no sentido em que a instituição das práticas religiosas se aliam aos interditos para conter o excesso que ameaça a configuração do humano. Nesse sentido, é inequívoca a consonância entre a moral e o mundo profano; a primeira organiza as regras do segundo. Igualmente, os elementos institucionais produzidos pela religião atuam em prol da vida estabilizada, das regularidades, da lei e da conformidade com o mundo da consciência clara. Mas justamente o que é por ela interditado instaura a região do sagrado. Sob esse prisma, a região das forças que nos atraem para a continuidade infinita de criação e destruição, ou para o movimento excessivo que nos perpassa, mesmo que acene com a nossa destruição, será a um só tempo definida como uma instância proibida, a

³² BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: ed. Autêntica, 2014, p. 283.

³³ Ibidem, p. 91 Vale notar que a leitura de Mauss foi importante também para a fundamentação de sua teoria sobre o excesso, com destaque para *Ensaio sobre o dom*, de 1925.

qual é preciso renunciar visto que ameaça a integridade humana, e como uma dimensão fascinante e irresistível, que suscita em nós o desejo de transgressão. No sagrado viceja, pois, uma divindade negra, o dirá Bataille, a saber, promessa da continuidade, da entrega ao excesso, do puro dispêndio. Tal divindade opõe-se ao profano e à moralidade que contradita “os valores da ordem íntima.”³⁴ O religioso, sob essa tônica, opõe-se à moral representativa do mundo profano e do império dos interditos. Profano e sagrado, contudo, inserem-se igualmente na integralidade do mundo humano: “O mundo profano é aquele dos interditos. O mundo sagrado se abre a transgressões limitadas. É o mundo da festa, dos soberanos e dos deuses”³⁵. O sagrado que o interdito institui promete a superação do horror; a vida espiritual ardente nele viceja, a qual não é senão êxtase e dispêndio. Assim é que em *Lágrimas de Eros*, Bataille insiste em frisar que se a religião habitualmente se associa à lei e à razão - à moral, portanto - é noutra dimensão que reside o seu fundamento: “Não haja dúvidas de que a própria religião tem base subversiva; desvia do cumprimento das leis. Pelo menos, ordena o excesso, o sacrifício, a festa que tem como auge o êxtase”.³⁶ É nessa vertente que o religioso se afasta da moral vigente, do mundo profano, dos interesses conservadores da cultura e liga-se às promessas que se descortinam com a transgressão. Noção que recebe na obra de Bataille uma interpretação complexa e sem a qual a integralidade do humano não pode ser concebida. Voltemos nossa atenção para esse ponto.

Se a transgressão, como dizíamos, vem ao encontro de nossas potências ruinosas e se traduz em destruição das formas e de seus contornos, esses no entanto, são a condição para que aquela se efetive. Sem a interdição ou sem a constituição de um ser descontínuo, que configura a existência de uma forma, nada haveria para transgredir. Como nota Didi-Huberman, a forma é o lugar em que a transgressão pode operar: “Não há violência que valha sem um tabu no qual se possa situar a violência; não há transgressão que valha sem uma forma na qual se possa situar, fazer agir a transgressão”.³⁷ Eis o laço no qual se atam transgressão e interdição, sem o qual não haveria como se constituírem nenhum dos dois extremos.

³⁴ BATAILLE, G. *Teoria da religião*, Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015c, p. 56.

³⁵ BATAILLE, G. *Teoria da religião*, Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015c, p. 91

³⁶ BATAILLE. *As lágrimas de Eros*, Lisboa, Sistema Solar, 2015, p. 74.

³⁷ DIDI-HUBERMAN, G. *A semelhança informe*. Rio de Janeiro: Ed Contraponto, 2015, p. 27.

Assim se tece a cumplicidade entre os elementos dessa antinomia, entre a lei e sua violação. A transgressão, enquanto ato, só se delineia tendo por horizonte o limite; este, por sua vez, ainda que tenha por destino sua superação ou seu obscurecimento, constitui sempre um enaltecimento da ação transgressora. Aspecto iluminado por Foucault: “O limite abre violentamente para o ilimitado, se vê subitamente arrebatado pelo conteúdo que rejeita, e preenchido por essa estranha plenitude que o invade até o âmago”.³⁸ No limite viceja o clamor tácito pela força que o contradita, mas é ele também que chancela a origem de sua antagonista. O sentido desta última, insiste Foucault, só pode aflorar sob o espectro do que nega, da linha que, uma vez ultrapassada, ressurgue inexorável, exibindo sua invencibilidade e o apelo a um novo esforço para transtorná-la, denotando que nada há além do limite e do movimento obstinado em sobrepujá-lo: “A linha que ela cruza poderia ser também todo o seu espaço”.³⁹ Numa palavra, o ato transgressivo não coincide com a abertura ilimitada; inversamente, sua dinâmica e sua natureza são fecundadas pelo inultrapassável, sem o qual se transfiguraria em pura violência. Bataille vem ao nosso encontro: “Se a transgressão propriamente dita, opondo-se à ignorância do interdito, não tivesse esse caráter limitado, ela seria retorno à violência, à animalidade da violência”.⁴⁰ Ainda que promova o contato com a natureza mais íntima da negatividade ontológica que nos constitui intimamente, a transgressão não implica um retorno à nossa origem pulsional desorganizada. Na verdade, sua dinâmica excede, sem o destruir, um mundo profano de que é o complemento.⁴¹

A transgressão enquanto potência negativa e concomitantemente afirmativa - já que ratifica o valor do interdito - abre o espaço do supra-humano, no limite, do divino. Ela revela que esse ser regido pela razoabilidade e autor de ações calculadas não se reduz à ordem das coisas, ao mundo do trabalho, porquanto os anseios por experiências desmedidas e violentas, atualizadoras de seu vínculo com o ser, não constituem estados mórbidos ou patológicos a serem erradicados; eles são antes manifestações genuínas da integralidade humana. Se o homem se preserva e se salva com a ordem racional e homogênea, isso

³⁸ FOUCAULT, M. *Prefácio à transgressão*. In *Ditos escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 28-46.

³⁹ FOUCAULT, M. *Prefácio à transgressão*. In *Ditos escritos III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 32.

⁴⁰ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 89.

⁴¹ *Ibidem*, p. 91.

não significa que a heterogeneidade possa ser domada; ela permanece pulsante em nós e pode, em momentos ímpares – aqueles cuja soberania é inconteste –, tornar prevalente a violência ou o excesso que de fato o define. Esses momentos fulgurantes nos conduzem ao núcleo do que Bataille designou erotismo: “Desde que o espírito humano encare o erotismo, encontra permanentemente sua dificuldade fundamental”.⁴² Urge, então, problematizar as experiências que atualizam tal dificuldade e o modo pelo qual elas nos inserem mais radicalmente na integralidade do humano.

5. Vida e morte na experiência integral de si

As experiências que dão voz ao excesso, às forças que constroem as formas definidas do ser, são aquelas que nos aproximam do impossível e que Bataille designa eróticas. Nelas, para ficarmos na clássica afirmação do autor, “o ser põe-se em questão”.⁴³ Isso significa que as formas instituídas encontram nos atos eróticos o seu limite e, ao mesmo tempo, acenam para a coincidência com o ápice da vitalidade, para a vida no vértice de sua exuberância. O que assim se delineia em tais acontecimentos é um movimento em direção ao apagamento dos contornos delimitados, ao mergulho na continuidade – em que prevalece a confusão, a indistinção. Nesse sentido, o risco de dilaceramento, da perda no excesso, irrompe como horizonte das formas pertinentes ao mundo homogêneo e profano.

Ao referir-se às manifestações mais contundentes dessas experiências, Bataille destaca o erotismo dos corpos e dos corações,⁴⁴ mas não deixa de se referir igualmente ao erotismo sagrado. O sagrado, em princípio ao menos,

⁴² BATAILLE, G. *As lágrimas de eros*, Lisboa: Sistema Solar Ed., 2015b, p. 68.

⁴³ Idem. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 35.

⁴⁴ Como informa o autor, as três formas de erotismo coincidem; em todas elas o que está posto é a superação do isolamento do ser, o contato com a continuidade. Nesse sentido o erotismo dos corpos e dos corações não deixa de conduzir ao sagrado e o sagrado não deixa de ser erótico: “A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua.(...) Toda a operação erótica tem por princípio uma destruição da estrutura o ser fechado (...)”. BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2014, p. 41. As experiências sexuais pertencem ao registro erótico, desde que não norteadas pela meta da reprodução pura. Nelas o desejo de fusão, de transbordamento das fronteiras subjetivas e de ultrapassagem dos interditos manifestam-se com veemência. Bataille não desconsidera o fato de que a reprodução põe em jogo os seres descontínuos, na medida em que a produção de um novo ser, ainda que descontínuo, implique em algum momento a supressão do abismo que separa os indivíduos engajados na reprodução. Ela afirma sua continuidade e liga-se à morte: “(...) a reprodução sexual, que em sua base coloca em jogo a divisão das células funcionais (...)faz intervir um novo tipo de passagem da descontinuidade à continuidade.” BATAILLE, G., *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2014, p. 38.

tende a antagonizar com o erótico, mas a busca que está no cerne das experiências religiosas - a saber, a superação da descontinuidade pela inserção na continuidade do ser, a experiência limite da indistinção - reveste-se de um teor erótico inequívoco, o que implica um alargamento dessa condição para experiências destituídas de um teor religioso. No dizer de M. Feher: “O sagrado visa o mundo do imensurável, também os seres que dele participam não podem jamais ser claramente distinguidos”.⁴⁵ Daí que todo erotismo seja sagrado e o sagrado seja profundamente erótico. No entanto, para além da paixão do espírito, do encontro sexual e das experiências religiosas – como o êxtase místico -, outros acontecimentos, que suspendem os interditos e abrem as sendas da transgressão, operando a tensão entre esses elementos, compõem o espectro das atitudes eróticas, as quais não possuem outra meta senão o mergulho no excesso e a felicidade emanada pelo próprio ato. São elas: a festa, o jogo, o sacrifício, a arte, a poesia, a literatura, o luxo, a guerra. A conexão entre essas experiências repousa no fato de remeterem ao sentimento exacerbado da vida; todas acenam em graus variados para a perturbação máxima das formas estabilizadas, para o contato com a continuidade, com o que está além dos limites interditos, com o sagrado, pois.⁴⁶

De modo geral, estas experiências implicam uma ruptura com o senso de produtividade e com a lógica do gozo postergado em prol de expectativa compensatórias que estruturam a realidade homogênea. Nesta tudo é regido pela necessidade de durar, pela ideia de compensação futura, de sorte que o prazer só é lícito se sujeito à lógica do cálculo e da produção e se ultrapassar o instante, ou seja, se for incorporado ao mundo do trabalho e à ordem regida por expectativas previdentes. Como numa espécie de avesso a esse registro, as condutas eróticas, porque regidas pelas forças soberanas que nos perpassam, respondem aos clamores da pura perda e do dispêndio inútil de energias Como

⁴⁵ FEHER, M. *Conjurations de la violence*. Paris: PUF, 1981, p.35.

⁴⁶ A noção de sagrado é central na obra de Bataille. A partir das publicações de Collège de Sociologie, o autor envereda por um movimento de reflexão que o insere na tradição das ciências humanas na França, particularmente a da sociologia durkheimiana e da antropologia, com destaque para Marcel Mauss. Mas o sagrado professado por Bataille e pelos autores que a ele se associaram no Collège esquia-se da circunscrição à esfera religiosa e alcança outras esferas da vida, numa concepção conceitual e ao mesmo tempo associada às experiências que transcendem o profano, denominadas eróticas. No dizer de J. Goyatá: “Experiência que coincide com a vida cotidiana, que está em contato direto com o homem em sua existência corriqueira; para vivenciar o sagrado, dirão os autores, basta estar em contato com atividades como o jogo, a festa, o sacrifício, o erotismo, a despesa, a arte e até mesmo a violência.” GOYATÁ, J. *Georges Bataille e Michel Leiris. A experiência do sagrado*, São Paulo: Ed. Humanitas, 2016, p. 27.

sublinhado por F. Altberg, essas práticas associam-se aos atos “de pura despesa, do luxo, da dilapidação das riquezas, do jogo, logo ao universo da festa oposto àquele do trabalho e da acumulação”.⁴⁷ Elas, soberanas que são, correspondem aos momentos em que a parte maldita do humano se expressa e se exacerba, se pautam pela violência que deriva da perda e da consumação excessiva, da recusa da ordem homogeneizada e coisificada em que se move a consciência clara. A esfera dos contornos fixos e das formas separadas é por elas perturbada de modo a viabilizar que o contato com o contínuo informe se faça presente no âmbito da ordem, desestabilizando-a, como a recordar que o humano em sua inteireza não se esgota na vivência dos territórios da eficácia, que a vida não se atém à lógica da conservação. Sem dúvida, quando Bataille alude às manifestações concretas dessa experiência, não deixa de nos remeter a condutas e a realizações que trazem o cunho da cultura em que são produzidas e que são suscetíveis de serem conhecidas em sua dimensão fenomênica. Não obstante, insiste ele, não há conhecimento exterior que possa traduzir com propriedade a vivência interna e profunda ou a natureza da violência mobilizada na intimidade daqueles que vivenciam tais acontecimentos. Esse conhecer é primazia da subjetividade.⁴⁸ Nessa direção, as atitudes eróticas operam uma mobilidade interna que desequilibra a relação habitual da consciência individual com o mundo; daí decorre que elas se delineiem como “uma perturbação elementar cuja essência é uma inversão que transtorna”.⁴⁹

O cume desses processos, contudo, não resulta em atos violentos que coincidiriam com a liberação plena de pulsões, com a volta a uma violência originária em que os envolvidos se destruiriam uns aos outros. Trata-se aqui de uma violência correlata de uma experiência silenciosa de êxtase em que aqueles que a vivem, numa adesão livre ao processo em curso, sentem internamente a angústia da perda de si, numa experiência limite que jamais se consuma integralmente e que é sobretudo de natureza íntima e interior. Aspecto que F. Altberg destaca: “O ápice do erotismo é então atingido, não num gozo frenético e violento, mas ao contrário, numa aproximação da perda total de si, no êxtase

⁴⁷ ALTBERG, F. *Georges Bataille ou l'envers de la philosophie*, Meurthe-et-Moselle: Ed. Du Camion blanc, 2014, p. 63.

⁴⁸ Nesse sentido, podemos concordar com a comentadora, ao considerar que em Bataille “só a vida subjetiva do indivíduo coloca todas as questões da existência – e não somente a exigência do pensamento – por isso o homem revive incansavelmente o drama do inacabamento na ‘expressão desesperante’”. LALA, M.C. *Georges Bataille, Poète du réel*, Bern: Peter Lange, 2010, p. 113.

⁴⁹ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 37.

de um gozo estático, considerado como ‘o extremo do possível do homem’”.⁵⁰ Esse processo lança aquele que o vive nas fronteiras do homogêneo, nos confins do possível, onde, advoga Bataille, está o limiar do impossível, no qual a organização homogênea começa a soçobrar; aí reside a chance de que um homem entre em contato com o movimento contraditório e heterogêneo que alicerça tudo o que existe. Digamos que se trata de um mergulho silencioso na esfera que, num sentido distinto daqueles sustentado pelas religiões, Bataille designa sagrada. O sagrado comunga, pois, o que em nós ultrapassa a consciência clara: “O sagrado, para Bataille, é o recalcado no homem, a parte maldita”.⁵¹ Esse êxtase implica não apenas a supressão do pensar inteligível, o cessar da discursividade e de toda ação efetiva, mas suscita um estado em que tudo se põe em causa, visto que acena para a ruína violenta da descontinuidade. O caráter interior dessa experiência está propriamente no contato com o heterogêneo que nos constitui, cujo excesso aponta para o dilaceramento de si, desvelando assim o informe.

O desvelamento de um aspecto primordial da vida interior, a saber, o excesso, tal como vivenciado intimamente nos atos eróticos, permite o reencontro da integralidade de nossa condição, aquela que a vida organizada condena a um ocultamento e, por vezes, nos condiciona a agir e a pensar como se ele não existisse ou como atualizasse tendências patológicas a serem erradicadas. Desse modo, tais experiências dão ao homem a aptidão para se colocar em presença do mundo, em sua dimensão informe e irracional; elas proporcionam o contato com o movimento de pura perda que caracteriza a originariedade heterogênea para a qual toda criação deve retornar: ao indistinto destituído de finalidade e sentido. Daí que o ápice almejado mais intimamente pela consciência humana, insiste Bataille, não é outro senão a fusão com o movimento ruinoso do ser; horizonte sonhado e desejado no qual se delinea inexoravelmente a angústia da morte dado que “a alegria e a morte se misturam, no ilimitado da violência”.⁵² Ora, como vimos pontuando, a passagem da descontinuidade ao movimento contínuo implica ruptura com as formas instituídas, esboroamento dos contornos, diluição da consciência. Com efeito, o gasto improdutivo, o mergulho no derrame sem medidas, ao evocar a

⁵⁰ ALTBERG, F. *Georges Bataille ou l'envers de la philosophie*. Meurthe-et-Moselle: Ed. Du Caminon blanc, 2014, p. 60.

⁵¹ CONTADOR, L. A. *O louvor do Excesso: Experiência, soberania e linguagem em Bataille*. Tese de doutorado. USP, 2012, p. 75.

⁵² BATAILLE, G. *Oeuvres Complètes*, v. XII. Paris: Gallimard, 1988, p. 489.

dimensão ontológica, atualiza a imagem do dilaceramento. Nota o comentador: “É a morte que confere ao gasto um sentido propriamente ontológico. Gastar e gastar-se, consumir e consumir-se até a ruína, até a morte, são a propósito as condições e exigências dessa ontologia do gasto por meio da qual Bataille procura entender a razão do excesso na base da vida humana”.⁵³ Sob esse prisma, o anseio mais íntimo e profundo que viceja na consciência humana é o desejo pela vida em sua prodigalidade máxima, quando ela sinonimiza com excesso. A consumação desse anseio por uma espécie de paroxismo que nos lançaria no âmago do movimento contraditório do ser, nos brindaria com a fruição máxima da felicidade – na qual vida e morte se fusionam. O que não se dá sem que se vislumbre a excitante desconfiguração dos contornos estáveis, o dilaceramento subjetivo e a revivescência de uma unidade primordial.

O movimento em direção à superação do isolamento do ser descontínuo exige uma carga exacerbada de força e tensão, de sorte que seja qual for a natureza da experiência erótica, não há como a pensar fora do registro da violação. Por conseguinte, a vivência efetiva dessa experiência mobiliza não apenas a sedução subjacente à promessa de fusão com a continuidade primordial, mas igualmente as dolorosas imagens ligadas à perda de si que remetem a um horizonte de desordem e de sofrimento. Bataille o frisa: “Toda a operação do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto em que o coração desfalece”.⁵⁴ Decerto, a natureza heterogênea que rege o ser, com seu dinamismo isento de cunho teleológico, determina que tudo o que com ela advém tenha por destino “retornar em direção à indistinção da qual participam”.⁵⁵ A manifestação da soberania intrínseca ao erotismo permite àquele que nela embarca apreender o grau máximo da existência, aquele em que vida e morte não se distinguem. Mas não há como experimentar a superabundância da vida inerente a esse processo, a perturbação vertiginosa a ele intrínseco, sem o terror da negatividade ruínosa que devasta tudo o que é por ela criado. Imagem a um só tempo bela e temerária, como frisa o poeta:

⁵³ CONTADOR, L. A. *O lóuvor do Excesso: Experiência, soberania e linguagem em Bataille*. Tese de doutorado. USP, 2012, p. 102.

⁵⁴ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 40-41.

⁵⁵ ALTBERG, F. *Georges Bataille ou l'envers de la philosophie*, Meurthe-et-Moselle: Ed. Du Camion blanc, 2014, p. 89.

“Pois que é o belo senão o grau do terrível que ainda suportamos e que admiramos porque, impassível, deseja destruir-nos?”.⁵⁶

O mais intensamente desejado é aquilo que acena com o dilaceramento vertiginoso, com a experiência máxima da dilapidação. Bataille insiste que é para esse horizonte que o desejo humano mais fortemente se inclina: “se a sorte nos leva, o objeto que desejamos mais ardentemente é o mais capaz de nos arrastar a loucas despesas e de nos arruinar”.⁵⁷ Em todo movimento erótico há sempre, sob a letra do autor, um excesso horrível, o qual ao mesmo tempo nos anima e nos apavora, porquanto anuncia o desprendimento da condição descontínua. O horrível assim anunciado, o pavor que ele suscita, nos impede de ceder ao turbilhão fascinante que assim se descortina, e o sofrimento que advém em concomitância com esse desvario exultante nos mantém presos aos nossos contornos. Sob essa perspectiva, o experimento da desordem e da paixão ilimitada não é nunca vivenciado sem a angústia despertada pela representação do desaparecimento e da aniquilação da subjetividade. : “O que gera angústia pode fascinar justamente porque o ser humano tem uma disposição para ir aos limites de si mesmo, de chegar à beira do insuportável”.⁵⁸ Em definitivo, ante esse movimento, por mais arrebatador que ele se apresente, não sucumbimos por completo e, no fim das contas, alerta-nos o autor, “a morte se propõe a nós como uma verdade mais eminente que a vida”.⁵⁹ Se a angústia ante o aniquilamento impede que o caminho em direção ao impossível seja consumado, o que prevalece nos atos eróticos é a dilapidação possível, aquela que pode ser experienciada, que permite a fruição da vitalidade máxima – do contato com o heterogêneo, - sem que se proceda à supressão da forma descontínua.

Em síntese, as atitudes eróticas excluem a morte no seu sentido cabal e último, mas contemporizam com seu movimento, porque o cume a que elas remetem, ainda que ameace a existência do ser descontínuo, permite a fruição da vida intensa, na qual reina o *ethos* do máximo dispêndio e da perda. Trata-se, postula Bataille, de conduzir o ser descontínuo aos píncaros da descontinuidade por ele tolerada, perturbá-lo ao máximo, de sorte que se viabilize uma proximidade intensa do informe originário que define o ser:

⁵⁶ RILKE, R. M. *Elegias de Duíno*. In SOUZA, E. L. Posfácio. IN “*Arte, literatura e os artistas*”, *Freud Obras Incompletas*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p. 322.

⁵⁷ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2014, p. 110.

⁵⁸ CAMILO, A. B. *A economia das paixões*, Rio de Janeiro, Appris, Ed., 2019, p. 30

⁵⁹ Ibidem, p. 44.

“introduzir, no interior de um mundo fundado na descontinuidade, toda a continuidade de que esse mundo é capaz”.⁶⁰ Neste encontro com o heterogêneo em nós, o que se vislumbra, e se recupera, é a plenitude da condição humana, na qual a um só tempo a consciência subsiste e a parte maldita toma forma e expressão enquanto puro excesso. Podemos, pois, considerar que a experiência erótica, aquela que permite o contato com a continuidade, atualizando a nostalgia mais primária que viceja no íntimo da consciência, bem como o paradoxo insuperável que nos constitui, opera o prevalecimento do lado escuro da consciência, mas não logra eliminar por completo a claridade que a constitui e que chancela a sua pertinência numa dimensão ordenada do existir.

A morte no seu sentido absoluto e extremo não pode ser, pois, o fim último do erotismo. Se a consumação plena do gozo sugerido pelo erotismo pode ser vivenciada ou conhecida em alguma medida, ela o será apenas de uma forma oblíqua, como uma pequena morte, porquanto a experiência erótica, por seu caráter desconcertante e fascinante, opera uma embriaguez, um obnubilamento momentâneo do destino incontornável de todo ser descontínuo.⁶¹ Toda atitude erótica é, então, perpassada por uma pulsante antinomia e se traduz numa vivência voluptuosa de contato com o movimento originário e ruinoso; nela aflora o vislumbre da unicidade com a continuidade do ser, nela o sentimento oceânico da fusão irrompe. O que assim se desvela são os horizontes do impossível, que acenam com o retorno à continuidade primária e heterogênea, na qual surgem os seres descontínuos e para onde estão destinados a retornar, fusionando-se num todo indistinto. Mas o cume ao qual essas experiências nos conduzem, ratifiquemos uma vez mais, nada tem a ver com o aniquilamento absoluto. Trata-se, antes, de um acontecimento que é “superação da atitude aterrada, é a transgressão”.⁶² É, pois, nas experiências norteadas pela vivência do excesso, que o enlace entre transgressão e interdito

⁶⁰ Ibidem, p. 42.

⁶¹ A expressão “pequena morte do eu” - com a qual Bataille designa mais especificamente a vivência do orgasmo sexual - emblemática destes momentos de dissolução egóica, remete-nos não ao sentido último do impossível que mobiliza os atos eróticos, no qual vislumbramos a figuração apoteótica do não sentido, mas ao paroxismo de fato alcançado e vivenciado pela consciência humana nestas experiências, nas quais o sentimento de isolamento do todo é em alguma medida superado: “No extremo do possível, é verdade, está o não sentido, mas somente daquilo que tinha um sentido até ali, pois a súplica – que nasce da ausência de sentido – fixa em definitivo um sentido, um sentido último: é fulguração, mesmo “apoteose” do não sentido.” BATAILLE, G. *A experiência interior*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2016, p.75.

⁶² BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed Autêntica, 2014, p. 93.

se concretiza, de sorte que a lei e a proibição, mesmo recuadas, permanecem atuantes.

O papel dos interditos em garantir o perseverar do humano e atuar como antídoto contra o mergulho na desordem excessiva do impossível é destacado por Bataille. Cabe a eles, no decurso da experiência erótica, desvelar o limite máximo da transgressão ao qual um ser humano pode chegar, o quanto do heterogêneo e de sua tragicidade ele logra experienciar sem sucumbir. Em face disso, a consciência, ao entregar-se à profusão do excesso que lhe é intrínseco, não erradica as interdições que operariam o encobrimento do paradoxo revelador de sua integralidade, inclusive porque a vivência efetiva do estado propriamente erótico requer que a tensão entre interdito e transgressão não se desfaça. Bataille uma vez mais: “A experiência conduz à transgressão acabada, à transgressão bem-sucedida, que, conservando o interdito, conserva-o para dele gozar”.⁶³ A presença latente do interdito, sublinha o autor, não apenas delineia uma necessária solidariedade com a transgressão, mas evidencia que a cultura não se evade desse processo, o que torna tentador e desafiante aquilo que ela mesma proíbe. Instaura-se, assim, a tensão entre o limite indefectível e o desejo que impele ao ato efusivo, à ruína, no limite, à morte.

O amálgama entre êxtase e angústia constitui, pois, para a consciência humana, a experiência ontológica substancial, que é a da coincidência com o movimento do ser, em relação ao qual o humano permanecerá sempre aquém. Nesse sentido, os dizeres de Contador Borges vêm ao nosso encontro: “Ao ressaltar o que há de *menos* na existência e o que há de *falta* no ser, a angústia força os limites da vida em direção ao mais, ao impossível”⁶⁴. Nas atitudes eróticas desvela-se a integralidade do que somos, a qual só se revela no limite tenso em que a consciência se vê implicada no real que a nega.

6. Jogo e civilização

No cerne do erotismo pulsa, pois, a tensão entre a transgressão e o limite que deve ser transcendido, sem que seja jamais denegado ou eliminado, porquanto cabe a ele não apenas se reconfigurar a cada movimento em que é ultrapassado, mas descortinar o informe e o ilimitado entrevisto pela consciência

⁶³ Ibidem, p. 62.

⁶⁴ BORGES, L. A. C. A vida manca: razão e gênese do degenerado na literatura. Belo Horizonte. Revista Aletria, 2017 v. 27, n.1. p. 37

que se lança nessa empreitada. Um jogo assim se tece, “se a transgressão tem uma lógica, ela é a do jogo, um jogo que é *ludus*, no qual as forças heterogêneas da experiência se afirmam superando os dispositivos que as proíbem, os interditos, ao mesmo tempo em que os conservam como parte essencial do jogo”.⁶⁵ Na dinâmica entre esses dois extremos, é tecido esse jogo candente e fundamental, no qual a fascinação pela vida extrema, a atração pelo excesso que nos constitui, amalgama-se ao pavor. Lemos em *O culpado*: “de poucas coisas o homem tem mais medo do que do jogo”.⁶⁶ O jogo tenso entre essas dimensões atualiza as atividades libertas da necessidade. Nele o lado soberano jamais se obscurece, visto que no seu movimento se desnuda a contradição insolúvel que nos habita; seres precários porque paradoxalmente clivados em um par de opostos inconciliáveis, para o qual não há síntese apaziguadora, mas uma difícil coexistência.

As condutas soberanas, as atitudes eróticas delineiam-se como jogo, porquanto nelas vida e morte se põem em questão. Certamente, jogo aqui nada tem a ver com entretenimento, com “os jogos menores” que, enfatiza Bataille, ao atualizarem o lúdico permitido ou o prazer como concessão, findam por celebrar o mundo utilitário; trata-se antes do movimento “que agita a humanidade, que é sua efervescência”⁶⁷ e que encontra na razão e no trabalho os seus antípodas radicais. Este jogo a que se refere Bataille, no qual a integralidade do que somos se manifesta, coincide com a própria transgressão; ele irrompe e persiste no âmbito da cultura, atualiza a explosão do heterogêneo e das forças soberanas no cerne do homogêneo. Pontua o comentador: “Sem poder erradicar a violência do excesso, a cultura é obrigada a assimilá-la [a transgressão] ainda que dentro de certos limites, fazendo das relações entre interdição e transgressão um jogo”⁶⁸. Ademais, é importante notar que se o excesso ultrapassa o humano e concerne à vida em geral, o mesmo pode se dizer dessa tensão ou do jogo que se inscreve também na dinâmica da natureza, a qual produz sem razão ou finalidades formas infindáveis, que nada têm de necessárias, o que não as impede de viver em prol da conservação: “Não somente os animais jogam, a natureza inteira pode ser contemplada como um

⁶⁵ BORGES, L. A. C. *O louvor do Excesso: Experiência, soberania e linguagem em Bataille*. Tese de doutorado. USP, 2012, p. 74.

⁶⁶ BATAILLE, G. *O culpado* Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017, p. 107.

⁶⁷ BATAILLE, G. *Estamos aqui para jogar ou para ser sérios?* In *La felicidad, el erotismo y la literatura*. Buenos Aires, Adriana Hidalgo Ed., 2008, p. 203.

⁶⁸ CONTADOR, L. A. *O louvor do Excesso: Experiência, soberania e linguagem em Bataille*. Tese de doutorado. USP, 2012, p. 7.

jogo. Esses estalidos extraordinários, suas infinitas repercussões, e essa profusão de formas brilhantes ou monstruosas são objetivamente jogos. Nada os justifica, salvo a necessidade do jogo – negação na base da necessidade”.⁶⁹

No que concerne ao humano, é preciso sublinhar a interdependência entre a ordem humana - a civilização - e o jogo. Para Bataille, de fato, não há cultura sem jogo. É inequívoca, ratifiquemos, a efetiva subsunção às exigências do mundo homogêneo para a organização e para o perseverar da humanidade desde seus primórdios. No entanto, a instituição das interdições e a consequente abertura para o pensamento lógico e para a linguagem, na medida em que garantem a fundação do mundo humanamente organizado e, no limite, a sua preservação, como enfatizávamos inicialmente, exigem ao mesmo tempo a instauração das searas que contemplem as manifestação das atitudes transgressivas, nas quais os ecos do excesso e da dinâmica intrínseca ressoam. Daí decorre a urgência de abrir, no âmbito do *ethos* produtivista e utilitário, as frestas pelas quais o irredutível no homem encontra expressão e pelas quais se configuram as manifestações das forças soberanas que todo ser humano e toda cultura portam intrinsecamente. Dito de outro modo, se o excesso na sua veemência e força não pode ser integralmente incorporado pela ordem social e cultural, uma vez que esta não perseveraria com tal intromissão, não deixa ele de encontrar uma forma de manifestação no jogo que se tece nas experiências eróticas, as quais, ainda que marginalmente, encontram legitimidade no interior da ordem homogênea.

Decerto, será incontestado, nas sociedades humanas, a prevalência da vertente comprometida com a preservação da ordem coletivamente erigida. Ao mundo homogêneo cabe sobrepujar o heterogêneo, conter o transbordamento do excesso e, deste modo, garantir a continuidade da espécie e de suas obras. Essa prevalência responde a uma necessidade incontornável, a saber, represar o movimento que ameaça os princípios que alicerçam a própria humanidade. Reconhecimento que já desponta entre os primeiros escritos do autor:

Antes de qualquer outra condição a existência humana exige a estabilidade, a permanência das coisas, resultando disto uma atitude ambígua a respeito de todos os grandes e violentos dispêndios de forças: tanto mais que estes dispêndios, quer sejam obras da natureza, quer de si próprios, representam as maiores ameaças possíveis. O sentimento de admiração e êxtase que

⁶⁹ BATAILLE, G. Op. cit., p. 186.

provocam arrasta pois consigo o cuidado de os admirar de longe.⁷⁰

O contato com o excesso possibilitado pelo jogo imanente às experiências eróticas estará destinado, pois, a despeito da regularidade e frequência variável de uma cultura para outra, à condição de exceção. Não que não possamos encontrar indivíduos que vivam nos extremos, na via radical do excesso, mas a verdade é que essas manifestações serão sempre singulares e marginais; também o serão as experiências soberanas de caráter coletivo, mesmo quando legitimamente produzidas no interior da ordem vigente, como aquelas pertinentes aos sacrifícios religiosos, por exemplo. Nessa direção, inquietante são os personagens literários de Bataille, os quais encarnam a entrega ao irreduzível, mantendo-se inequivocamente nas vias do excesso e do dispêndio, como nota L.A. Contador⁷¹. De todo modo, não encontraremos argumentos desse filósofo-literato em prol da ideia de que o primário em nós deva sobrepujar a ordem homogênea. Lemos em *O erotismo*: “Devemos de algum modo rechaçar aquilo cujo fim seria a ruína de nossas obras. Se instintos nos arrastam a destruir a própria coisa que edificamos, precisamos condenar esses instintos e nos defender deles”.⁷² Assim, mesmo que a vivência do excesso se atualize de formas variáveis nas mais diversas culturas seja no âmbito de eventos religiosos, de festas, seja nos momentos de desequilíbrio generalizado em virtude de uma mudança ou ruptura institucional, esse consentimento da ordem homogênea em abrigar em seu interior as forças que apontam para sua destruição é sempre efetivado a favor da homogeneidade e de sua preservação. Sob esse prisma, Bataille concede que o jogo traz a chancela da perda: “humanamente, o jogo, que, por definição, permanece aberto, está a longo prazo, condenado a perder”.⁷³

Não obstante, a presença das experiências soberanas, - as quais invadem esporadicamente o homogêneo, a despeito do seu empenho em conter e expulsar toda sanha improdutiva -, vem atestar a impossibilidade de que o excesso, bem como as manifestações do heterogêneo, sejam por completo negligenciados pela ordem civilizatória. Os atos soberanos que expressam o excesso – sejam eles de natureza individual ou coletiva – explicitam um anseio

⁷⁰ BATAILLE, G. *O ânus solar e outros textos do sol*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007, p. 90.

⁷¹ CONTADOR, L. A. *O louvor do Excesso: Experiência, soberania e linguagem em Bataille*. Tese de doutorado. USP, 2012, p. 41.

⁷² BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 210.

⁷³ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014, p. 12

por um tipo de existência que transborda os parâmetros do cálculo previdente e da lógica eficaz. Ao nosso encontro vem a reflexão do autor acerca das gravuras inscritas nas cavernas de Lascaux, emblemáticas do nascimento da arte: “É o estado de transgressão que comanda o desejo, a exigência de um mundo mais profundo e prodigioso. (...) A transgressão traduz-se sempre com formas prodigiosas como as formas da poesia e da música, da dança da tragédia ou da pintura”.⁷⁴ Lembremos que a arte está entre as experiências que Bataille classifica como eróticas, as quais se constituem propriamente os atos de transgressão, aquelas que põem em questão o próprio ser, e apontam para a conjunção entre vida e morte. Essas experiências, insistamos, realizam-se sempre em estado de exceção, no qual os diques logrados pelos interditos são momentaneamente suspensos e o reencontro com a continuidade é de algum modo consumado. Elas atestam que a despeito da luta contra a manifestação do excesso que viceja na civilização, as experiências heterogêneas e soberanas instauram-se no seu tecido, inclusive nas ordens sociais que condenam os dissidentes da lógica produtiva às margens, que lançam o gozo do dispêndio gratuito no registro do demoníaco.

Mas é crucial frisar: estas circunstâncias extraordinárias não equivalem a uma mera concessão da cultura e da vida organizada, trata-se antes de uma exigência inequívoca do que nos faz humanos, a qual não pode ser desprezada, mesmo que a operacionalidade homogênea atue para minimizar a via das experiências soberanas em prol do seu senso de eficácia e do incessante postergar de sua temporalidade, destituindo de todo valor o presente intenso, a pulsação vital do instante excessivo. Assim, a coexistência entre as atividades transgressoras que afloram no interior do tecido social e a atuação das interdições culturalmente estabelecidas fundam os pressupostos necessários para impedir a ruína da vida social organizada. Ainda que priorize o profano, o tempo da produção, a acumulação de recursos, o consumo sob os parâmetros do necessário, a sociedade ou a vida coletiva não se esgota na configuração homogênea da vida e da ordem humana. Há sempre o excesso que é no homem signo de revolta e de insubordinação. O autor uma vez mais: “Há na natureza e subsiste no homem um movimento que sempre excede os limites, e que jamais pode ser reduzido senão parcialmente.”⁷⁵ A inexistência de canais pelos quais

⁷⁴ BATAILLE, G. *O nascimento da arte*. Lisboa: Sistema Solar Ed, 2015, p. 55.

⁷⁵ BATAILLE, G. *O erotismo*. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2014, p. 63.

esse movimento possa manifestar-se, com atividades que de algum modo deem forma a ele, ainda que sob a égide de algum tipo de parâmetro, pode culminar na irrupção do terrível, em acontecimentos catastróficos. Noutros termos, uma recusa do humano integral, a absoluta marginalização do excesso que o constitui – a recusa do jogo - poderia romper as comportas que obstaculizam a violência fundamental e inexpugnável que viceja em todos nós, inviabilizando o perseverar da ordem social. Risco que Bataille não se furta a apontar: “uma violência pode nos dominar de novo que não é mais a violência natural, que é a violência de um ser de razão, que tentou obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão.”⁷⁶

Com as atitudes eróticas, a civilização a um só tempo legitima a manifestação das forças que com ela antagonizam e cauciona a sua sobrevivência. Assim, se o jogo está fadado à perda, se mesmo incorporado não abala o domínio do trabalho e dos interditos, o fato é que o prevalecimento do mundo homogêneo não implica o eclipse do heterogêneo, o que se traduziria numa mutilação de nossa condição. O humano em sua composição integral implica portanto essas duas direções; por mais que a vida individual e coletiva seja norteadas pelos imperativos do homogêneo, o heterogêneo com a violência a ele intrínseca não é jamais abolido. Bataille o enuncia: “o homem pertence a um e a outro desses dois mundos, entre os quais sua vida, queira ou não está dilacerada”.⁷⁷ O reconhecimento de que a civilização não pode impedir que as manifestações excessivas se inscrevam em sua estrutura e de que os atos eróticos, para se consumarem, exigem a civilização vem ratificar a necessária e difícil coexistência entre as vertentes contraditórias do humano. Numa palavra, por maior que seja a solidez do mundo homogêneo, ele não logra esmagar a dinâmica do excesso e do ser, ao qual ele tanto deve sua origem e no qual funda-se o seu destino. E se assim ocorre é porque desprezar por completo o clamor que continua a emanar do interditado culminaria numa existência que, em última instância, inviabilizaria a história garantida pela invenção do trabalho e de seus derivados, graças aos quais proliferou o possível da obra e da história humanas.

Daí a crucial necessidade que a civilização tem do jogo, o qual atualiza o abismo que ancora toda ordem e vem caucionar a existência integral no seio da

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Ibidem, p. 87.

ordem que anseia por erradicar as suas vertentes perturbadoras. Bataille ainda uma vez: “jogar é roçar o limite, ir o mais longe possível e viver na beira de um abismo!”⁷⁸ Certamente, podemos ignorar o excesso, destiná-lo ao esquecimento, mas desconhecer ou negligenciar a ação dessa força viva e antiprodutiva que nos é intrínseca, não nos torna incólumes aos seus efeitos; inversamente, como lemos em *A parte Maldita*, a ignorância do que somos sela para nós a ruína, os destinos catastróficos: “Porque se não temos a força de destruir nós próprios a energia em excesso é ela que nos destrói, somos nós próprios a cobrir os custos da explosão inevitável”.⁷⁹

Ou ainda, com uma ênfase mais perturbadora:

“A desgraça recairá sobre aquele que queira até ao fim ordenar o movimento que o excede com o espírito limitado do mecânico de quem muda uma roda”.⁸⁰

Referências

ALTBERG, Frédéric. **Georges Bataille ou l’Envers de al philosophie**. Meurthe-et-Moselle: Ed. du Caminon blanc, 2014.

BATAILLE, Georges. **Le dictionnaire critique**. Paris: Éditions Gallimard, 1970.

BATAILLE, Georges. **La souveraineté**. Paris: Ed. Gallimard, 1976.

BATAILLE, Georges. **Oeuvres. Complètes**, v. II. Paris: Gallimard, 1970.

BATAILLE, Georges. **Oeuvres Complètes**, v. III. Paris: Gallimard, 1987.

BATAILLE, Georges. **Oeuvres Complètes**, v.XII. Paris: Gallimard, 1988.

BATAILLE, Georges. **Noção de despesa; A parte Maldita**. Lisboa: Fim de século Ed., 2005.

BATAILLE, Georges. **O ânus solar e outros textos do sol**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

⁷⁸ BATAILLE, G. *Sobre Nietzsche vontade de chance*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 125.

⁷⁹ Idem. *A parte Maldita*. Lisboa: Fim de século, 2005, p. 65.

⁸⁰ Ibidem, p. 66.

BATAILLE, Georges. Estamos aqui para jugar o para ser sérios? In **La felicidad, el erotismo y la literatura**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Ed., 2008.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014.

BATAILLE, Georges. **O nascimento da arte**. Lisboa: Sistema solar, 2015.

BATAILLE, Georges. **As lágrimas de Eros**. Lisboa: Ed Sistema Solar, 2015b.

BATAILLE, Georges. **Teoria da religião**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015c

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BATAILLE, Georges. **Sobre Nietzsche**. Vontade de chance. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BATAILLE, Georges. **Materialismo; Informe; O baixo materialismo e a gnose**; Documents. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, p.80-81; 147; 153-163.

BORGES, L. A. C. **O louvor do Excesso: Experiência, soberania e linguagem em Bataille**. Tese de doutorado. USP, 2012 Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-19092012-091345/publico/2012_LuizAugustocontadorBorges_VRev.PDF

BORGES, L. A. C. A vida manca: razão e gênese do degenerado na literatura. Belo Horizonte. **Revista Aletria**, Belo Horizonte, 2017 , v. 27, n.1. p. 37–52.

CAMILO, Anderson B. **A economia das paixões**. Rio de Janeiro: apris Editora, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A semelhança informe**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto. 2015.

FEHER, Michel. **Conjurations de la violence**. Paris: Puf, 1981.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: **Ditos e escritos III**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009, p. 28-46.

GOYATÁ, J. **Georges Bataille e Michel Leiris**. A experiência do sagrado. São Paulo: Ed. Humanitas. 2016.

LALA, M.C. **George Bataille, Poète du réel**. Bern: Peter Lang AG, 2010

RILKE, R. M. Elegias de Duíno. Apud SOUZA, Edson. L. Posfácio. In: **Arte, literatura e os artistas, Freud Obras incompletas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.14-122, p. 322.

Recebido em 21.12.2021.

Aceito para publicação em 30.01.2022.

© 2022 Rita Paiva. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).